



O major Joaquim Quirino dos Santos, foi o primeiro dos Quirino a morar em Campinas. Procedente de São Paulo, se instalou na então Vila São Carlos, comandando a fazenda São Quirino. Casou-se duas vezes e teve ao todo 17 filhos. Dentre eles nasceu o coronel Quirino, no dia 15 de maio de 1820 e morreu em 28 de fevereiro de 1889, com 69 anos de idade.

Dizem que conseguiu ser milionário, mas morreu nas piores das situações, como começou: lavrador. Foi capitalista e grande comissário de café na praça de Santos.

Coronel Quirino teve seu nome ligado a realização de vários empreendimentos: fundação do Teatro São Carlos, Companhia Paulista de Estrada de Ferro e a Companhia Mogiana. Participou, junto com seu irmão, da Empresa de Gás e da Companhia de Água e Esgotos e a Escola Correia de Mello, foi patrocinada por este coronel.

Na política militou durante muito tempo no partido conservador, sendo seu líder durante muitos anos em nossa cidade.

Foi oficial da guarda Nacional, com várias promoções. Chegou a coronel-comandante da milícia local e suas maiores façanhas são registradas, quando assumiu a delegacia de polícia e combateu em suas rondas, o jogo, os motéis e a marginalização.

Localizada num dos bairros mais agradáveis de Campinas, o Cambui, a rua Coronel Quirino vem se notabilizando por um comércio classe A, que ao lado de casas de estilo tradicional, engloba boutiques, lojas de decorações, restaurantes, escolas, floriculturas, casa de chá, até mesmo um clube de elite.

Totalmente arborizada, a rua Coronel Quirino tem também como atrativo, ao lado da arquitetura que pouco mudou para dar lugar ao comércio, pois as lojas, na sua grande maioria estão instaladas em residências, o seu calçamento de paralelepípedos, conferindo-lhe um ar todo especial de uma Campinas de 30 ou 40 anos atrás.

UM POUCO DA SUA HISTÓRIA

Na história de Campinas, muitos dos seus ativos personagens são lembrados dia após dia, através de referências às suas grandes obras ou mesmo por meio de homenagens que lhe são ou foram prestadas. A família Quirino teve grande participação na vida campineira que se estende na nova geração Quirino.

Assim dentre seus membros, o coronel Joaquim Quirino dos Santos é nome conhecido, grande personagem da história local e uma rua que dia a dia se transforma num centro comercial e cheia de atrativos.



O DESLEMBRADO CORONEL QUIRINO

Resta-nos, agora, dizer do Coronel Quirino, o mais esquecido dos irmãos Quirino cujos nomes se perpetuam em placas de ruas e avenida da cidade-princesa.

Joaquim, como o pai, e filho do primeiro casamento do Major, o Coronel Quirino era mais velho que o seu irmão Bento Quirino dos Santos, pois viera ao mundo a 15 de maio de 1820, e aquêle dezessete anos após, precisamente a 18 de abril de 1837.

Segundo um escrito do velho Júlio Mesquita, na Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes, o Joaquim Quirino dos Santos "não nasceu rico e morreu paupérrimo". No entanto, ao longo de sua existência que se truncou aos 69 anos de idade, êle foi comerciante feliz, na praça local; lavrador abastado, no Município; capitalista longo mais e, por fim, comissário na praça de Santos, negócio êste no qual se afundou, quando já entrado em anos.

Na crônica da cidade, Joaquim dos Santos tem o seu nome ligado a empreendimentos vários, tais como a fundação do Teatro São Carlos, em 1847, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, em 1867, e a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, em 1872. Sabemos mais que participou, com o seu irmão Bento Quirino, da Empresa de Gás e da Companhia de Água e Esgotos.

Júlio Mesquita, no citado escrito, afirmou que o futuro Coronel Quirino como não podia deixar de acontecer, militou ativamente na política, chegando a ser prócer conspícuo do partido conservador no segundo Império. Mas devemos ter em mente que conservador, ao tempo do Império no Brasil, não era propriamente um situacionista, fazendo política francamente oposicionista quando à frente do governo os liberais. Temos documento em mãos que comprova o oposicionismo de Joaquim Quirino dos Santos ao governo provincial, em 1852, com a denúncia feita sobre irregularidade no alistamento para as eleições convocadas para fevereiro e março daquêle ano, em Campinas.

CORONEL DA GUARDA NACIONAL E DELEGADO DE POLICIA

Verdade é que, na política ou fora dela, êste irmão de Bento Quirino e Francisco Quirino demonstrou belicosidade e firmeza de atitude. Foi o que na época se costumava chamar "cabra bão": Podia quebrar, mas torcer é que não.

Oficial da Guarda Nacional, desde moço, Joaquim Quirino dos Santos, de promoção em promoção atingiu às culminâncias de Coronel-Comandante da milícia, em Campinas, quando cinquentão. As façanhas, porém, do Coronel Quirino, que mais perduram na memória do povo, foram as do seu tempo de Delegado de Polícia. Ao juízo de Júlio Mesquita, jamais possuiu Campinas autoridade mais ativa, mais enérgica e também mais justiceira que o Delegado Joaquim Quirino. No combate à jogatina desbragada, invadiu bilhares, hotéis e até casas particulares de amigos, destruindo roletas, baralhos, mobílias e prendendo jogadores. Afilhadismo político nepotismo, com êle não pégava.

Conta-se que, de uma feita, dois moços bonitos, de família titular, após a prática de estrepolia grossa, na cidade, deram sumiço em suas pessoas para se furtar a punição. Algum tempo depois, marcadas festas nupciais no sobrado da família dos moços desordeiros, assuntou o Coronel-Delegado e botou na moita seus olheiros. Confirmada a presença dos tais no baile, à noite, correu o João Quirino à Cadeia, no Largo da Matriz, armou e enfileirou toda a soldadesca de que dispunha e saiu com a procissão na rua, caminhando até o sobrado da festa, ali mesmo próximo, no Largo do Rosário.

Chegando e batendo palmas, na porta, o Coronel Quirino, os de casa vieram logo recebê-lo com um alegre convite para uma taça de champanha. Fechando a car-

ranca, porém, e pondo a descoberto a soldadesca atrás de si, falou secamente o Coronel-Delegado.

— Não entro, aqui não vim p'ra beber e sim prender e levar para a Cadeia os dois delinquentes que aí estão dançando e folgando!...

Um grande pasmo! Depois, correria assustada de senhoras e crianças e esbravejamento dos homens. Onde já se vira uma coisa destas?... Conta-se que, presente à festa certo oficial, da Corte, que estivera na Guerra do Paraguai, todo empertigado veio lançar em rosto do Delegado que o pretendido era desafiro, atrevimento, e que o melhor era retirar-se e procurar executar a prisão no dia seguinte ou ao fim do baile.

Como única resposta, o Coronel virando-se para os milicianos que trouxera, ordenou: — Camaradas, preparar armas!

Não houve mais protestos. Intelramente livre o corredor da entrada, com o pânico generalizado lá por dentro, eis que surge a figura respeitável de Joaquim Egídio de Souza Aranha, futuro Marquez de Três Rios. Veio entender-se com o Coronel Quirino, a quem prometeu sob sua palavra de honra, a entrega dos dois moços desordeiros; lá na Cadeia, dali a meia hora. Em face disto, o Delegado levantou o cerco ao sobrado e se retirou com os seus homens. Também, meia hora depois, tinha êle em mãos, para meter na enxovia, os tais moços delinquentes.

Contudo, ao que rezam as crônicas do tempo e a tradição oral, não era um mau homem o Coronel Quirino. Generoso para com os necessitados, jamais abusando dos humildes, uma vez despido das funções de autoridade para o enérgico cumprimento do dever, era até alegre. inclinado a festas, dado a pândegas. O entrudo, que antecipou o carnaval, era o seu fraco. Mesmo uma semana antes dos três dias "gordos" da folia, ninguém, por mais respeitável que fôsse, passava frente à casa do Coronel Quirino, na Rua do Comércio, sem correr o risco de receber toda a água de uma tina despejada pela janela. Ate o sumamente grave Doutor Ricardo achava melhor dar volta e encompridar caminho, para atender qualquer doente. O Coronel Quirino era um diabo alegre!

Por causa da surra que mandou dar num cabo de cavalaria, que embriagado entrara na Estação da Paulista a cavalo, atropelando mulheres e crianças que aguardavam o trem, perdeu o Coronel Joaquim Quirino dos Santos o ensejo de se tornar Barão. O diploma já assinado pelo Imperador, acabou engavetado pelo Marechal Caxias, pelo fato de o ordenança do Coronel Quirino, que surrou o cabo cavalariano, ser soldado raso, inferior hierárquico.

Sem nenhum titulo de nobreza e solteirão, extinguiu-se o Coronel Joaquim Quirino dos Santos a 28 de fevereiro de 1889.

*Partici Populor
28-09-1971
(Extrato de um antigo
de Juli Moroni)*

AV. SOUZA DE MENDES E COMÉRCIO DE TÊXTEIS S.A.
 RUA CORONEL QUIRINO - 130 - CAMPINAS - SP



EST. N.º 11.111.111
 COT. 11.111.111
 01.11.11

Na história de Campinas, muitos dos seus ativos personagens são lembrados, dia após dia, através de referências às suas grandes obras ou mesmo por meio de homenagens que lhes são ou foram prestadas. A família Quirino teve grande participação na vida campineira, que se estende até hoje, na nova geração Quirino.

Assim é que, entre seus membros, dois são nomes de duas conhecidas ruas de nossa cidade: dr. Quirino (Centro) e cel. Quirino (Cambuí).

CORONEL JOAQUIM QUIRINO DOS SANTOS

O primeiro Quirino dos Santos que morou em Campinas foi o Major Joaquim Quirino dos Santos, procedente de São Paulo, que se instalou na, então, Vila São Carlos. Fundando a Fazenda São Quirino, casou-se duas vezes: primeiramente, com Sinhá Manoela Joaquina de Oliveira, tendo 14 filhos e posteriormente com Sinhá Maria Francisca de Paula Santos, tendo 13 filhos.

O Coronel Joaquim Quirino dos Santos, filho do primeiro casamento do major Quirino, nasceu em Campinas a 15 de maio de 1820. Morrendo em 28 de fevereiro de 1889, com 69 anos de idade, participou intensamente da vida campineira, deixando grandes recordações.

Dizem que chegou a adquirir grande fortuna, sem, no entanto, desfrutá-la, vindo a empobrecer totalmente, e morrendo nesta situação. Durante a vida, foi lavrador, grande

capitalista, e comissário de café na praça de Santos.

O coronel Quirino teve seu nome ligado à realização de vários empreendimentos: fundação do Teatro São Carlos, em 1847; a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, em 1867, e a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, em 1872. Participou também, juntamente com seu irmão Bento Quirino, na Empresa de Gás e da Companhia de Água e Esgotos. E a escola Correia de Mello foi patrocinada pelo coronel.

Na política, militou durante muito tempo no Partido Conservador, sendo seu chefe em Campinas por alguns anos.

Oficial da Guarda Nacional, sendo várias vezes promovido, Joaquim Quirino dos Santos chegou a Coronel-Comandante da milícia, em Campinas. As façanhas do coronel são registradas quando foi Delegado de Polícia, sendo que no combate à jogatina, invadiu bilhares, hotéis, e até casas particulares de amigos, destruindo roletas, baralhos, mobílias e prendendo jogadores.